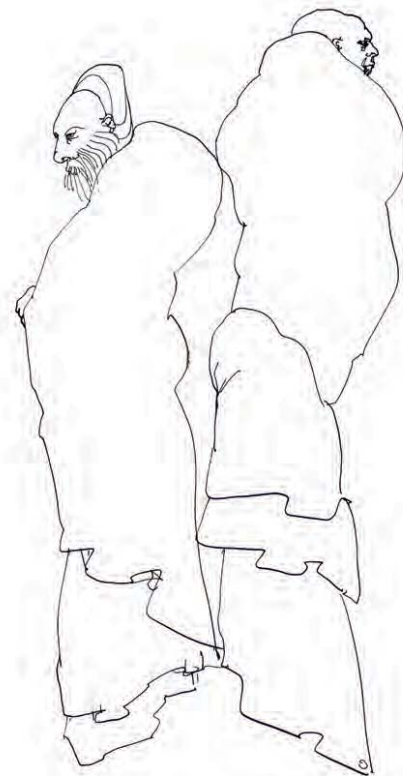




PEDRO COSTA + RUI CHAFES EXPOSIÇÃO EM SEUL



**Desenhos de Álvaro Siza
e Maria Antónia Siza
em Zagreb**

Pág. 4

Espanha
Ciclo dedicado ao
«infatigável sonhador
de películas alheias»

Pág. 2

Cuba
Exposição da fotógrafa
Luísa Ferreira

Pág. 3

**Editoras alemãs e britânicas
em Portugal**

Pág. 3

Espanha Ciclo dedicado ao «infatigável sonhador de películas alheias»

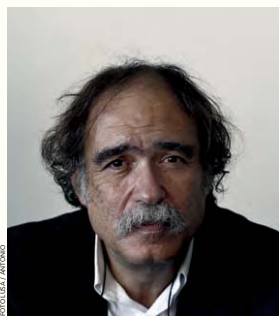
«Se se fizesse desaparecer a figura de Paulo Branco da história do cinema, desapareceriam de repente mais de 200 películas. Todas elas particulares, nenhuma delas instancional ou irrelevante». A explicação está dada por que razão a FilMOTECA Española, de Madrid, e a Fundación BilbaoArte, de Bilbao, acolheram em maio e junho um ciclo dedicado a um dos mais importantes produtores cinematográficos portugueses, organizado em parceria com a Embaixada de Portugal na capital espanhola e com o apoio do Camões, I.P.

«Paulo Branco é uma das grandes figuras que o país vizinho deu ao cinema. Com ele e por ele foram possíveis algumas das obras mais referenciadas de autores como Raúl Ruiz, Manoel de Oliveira, Alain Tanner, Michel Piccoli, Chantal Akerman, Olivier Assayas, Paul Auster, David Cronenberg e Wim Wenders entre muitos outros», lia-se no sítio na internet da Fundación BilbaoArte.

O ciclo consistiu numa seleção das produções de Paulo Branco nos últimos 10 anos e pretendeu dar conta do seu importante papel no desenvolvimento da indústria cinematográfica europeia.

O alinhamento do ciclo – que teve a presença de Paulo Branco no encerramento em Madrid e na apresentação em Bilbao – incluiu os filmes *Mistérios de Lisboa* (2010), de Raúl Ruiz, *Cosmopolis* (2012), de David Cronenberg, *Cosmos* (2015), de Andrzej Zulawski, *Varições de Casanova* (2010), de Michael Sturminger, *O Quarto Azul* (2014), de Mathieu Amalric, *Posto Avançado do Progresso* (2016), de Hugo Vieira da Silva, *Minha Alma Por Ti Liberta* (2014), de François Dupeyron.

«Paulo Branco conduz-se como um infatigável sonhador de películas alheias, empenhado em fazer avançar produções que sem o seu ofício e concurso teriam sido impossíveis».



Distant Rooms – exposição de Pedro Costa/Rui Chafes em Seul «Nesse lugar vazio nos encontramos»

«É a quarta exposição da parceria Pedro Costa / Rui Chafes (Museu Serralves, Porto, 2005 / Hara Museum, Tóquio, 2012 / Criptopórtico de Coimbra, 2015) e ocupará 3 pisos do Ilmin Museum of Art, confrontando esculturas e imagens projetadas em espaços na penumbra. Será um percurso de sombras e murmúrios feito de imagens e de ferro.

A exposição de Rui Chafes e Pedro Costa que a partir do próximo sábado, 25 de junho, e até 14 de agosto, estará patente no Ilmin Museum of Art, de Seul, na Coreia do Sul, é no fundo a concretização de um projeto que vem de 2012.

Nesta entrevista ao suplemento do Camões, I.P., Rui Chafes fala da exposição e do seu conceito, da «estética de concentração, redução e de meditação, como a que existe no Oriente tradicional», e daquilo que aproxima os dois criadores e os leva a expor conjuntamente.

– Como surgiu e como se chegou à decisão de efetuar esta exposição no Ilmin Museum of Art?

Esta exposição veio na sequência da que fizemos em Tóquio, no Hara Museum, em 2012. Desde essa altura que tinha ficado no ar o interesse de mostrar o nosso trabalho em Seul, sobretudo da parte de Paulo Lopes Graça, na altura o assessor cultural na nossa Embaixada, uma vez que as obras estavam geograficamente próximas. Não foi possível nessa altura mas, em 2014, começou a ser programada uma retrospectiva integral dos filmes do Pedro Costa nas Cinematecas de Seul e Busan e voltámos a pensar nesta hipótese, juntamente com o Paulo. Foi graças ao seu entusiasmo que o projeto começou a andar. A um certo momento ele deixou o cargo em Seul e foi Carlos Reino Antunes que tomou o seu lugar e tem vindo, até hoje, juntamente com o Embaixador António Quinteiro, a realizar todo um precioso trabalho de coordenação de todo o processo. O Ilmin Museum mostrou entusiasmo e vontade desde o início e, com o apoio do Camões, I.P. conseguimos levar a bom porto este projeto.

Devido à distância, torna-se uma operação cara e complicada mas tivemos alguns apoios na Coreia e em Portugal onde, para além do grande apoio e empenhamento do Camões, I.P., tivemos também apoio da Fundação Oriente. Na verdade, foi uma exposição que nasceu espontaneamente e que foi crescendo e ultrapassando todas as dificuldades operativas, graças ao grande empenhamento de todos as pessoas e entidades envolvidas.

– De que trata ‘no concreto’ a exposição Distant Rooms? Ou, qual é a démarche conceptual da exposição?



Rui Chafes (em cima) e Pedro Costa

As obras expostas falarão, uma vez mais, da distância do tempo e das vezes que nos chegamos do passado distante. As esculturas e as imagens evocam os olhares perdidos e a memória de todos os pequenos ruídos e movimentos: são ecos das vozes do silêncio e da aragem do tempo, trazendo até nós os vultos de uma deambulação impossível. De certa forma, será uma continuação da exposição que fizemos no Criptopórtico de Coimbra, mas num contexto radicalmente diferente.

– Já não é a primeira vez que expõem na Ásia. Porquê a escolha de destinos na aparência tão longínquos? Há na vossa ‘estética austera’ – se é que se posso dizer assim – algo que ressoa nas culturas orientais?
Sem dúvida que uma grande parte dessa “estética austera” que refere se espelha nos nossos trabalhos e que os nossos trabalhos se aproximam desse campo de pensamento. Na verdade, talvez nos sintamos bem na proximidade de uma estética de concentração, redução e de meditação, como a que existe no Oriente tradicional. A nossa exposição em Tóquio chama-se *MU*, numa aproximação ao cinema de Ozu e a toda essa estética e essa noção de beleza.

– Como surgem as obras expostas? Resultam de trabalhos anteriores ou foram criadas deliberadamente para este momento e este espaço?

As obras serão uma mistura de trabalhos anteriores, alguns dos quais já conviveram em algumas das nossas exposições em conjunto. Gostamos de trazer algumas obras de projetos anteriores e integrá-las em novos projetos. Criamos uma linha fluida mas não constante de exposição para exposição.

– Esta é já a quarta exposição que realiza com Pedro Costa. O que leva dois criadores de áreas na aparência distantes a trabalharem em conjunto?

Penso que o que nos aproxima é a maneira de trabalhar e de pensar o trabalho, em toda a sua absoluta inutilidade. É uma aproximação austera e poética ao mundo, é um olhar sobre o mundo, um recolher coisas do mundo e apresentá-las sob outro ponto de vista, mas é e será sempre um trabalho “para nada”. Nesse lugar de vazio nos encontramos, desde há alguns anos.

– Falam das vossas exposições como um «diálogo» entre dois criadores. É essa a articulação das obras ou, nalgum momento, se pode dizer que não é possível identificar o que é de um e o que é de outro? Ou em que diálogo/articulação dos contributos criam um novo significado?
As duas obras são sempre identifica-

veis e são apresentadas dessa forma, sem qualquer intenção de iludir o espectador ou o visitante. Por vezes estão separadas, por vezes estão próximas, por vezes estão justapostas. O novo significado é, obviamente, criado por esse espectador ou visitante: é no seu olhar, no seu coração e na sua memória, que nasce a poesia deste diálogo. Ou não.

- Para além da exposição, que outras iniciativas estão previstas no seu âmbito, tanto com a sua participação como com a participação de Pedro Costa?

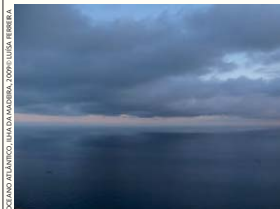
Tal como referi, vai decorrer uma integral dos filmes do Pedro Costa, nas Cinematecas de Seul e de Busan, que será acompanhada por apresentações e conferências. Serão apresentadas também as edições dos seus filmes e livros. Relativamente à nossa exposição e ao nosso trabalho em conjunto, haverá algumas conversas e apresentações. Será também lançado em Seul e em Tóquio, alguns dias depois, o nosso livro *Família Aemínium*, editado pela Pierre von Kleist, referente à exposição que fizemos no ano passado no Criptoportico de Coimbra. Será uma edição muito bela e cuidada da autoria de André Príncipe e José Pedro Cortes e com fotografias de André Cepeda.

Fotografia O «poema visual» de Luísa Ferreira

«Poema visual sobre um país» – a frase, de Luísa Ferreira (Lisboa, 1961), aplica-se com propriedade às imagens com que a fotógrafa portuguesa construiu a exposição *Poema Azul*, patente até 26 de junho na Parede Negra da Fábrica de Arte Cubana (F.A.C.), espaço cultural de grande relevância de Havana, numa iniciativa da Embaixada de Portugal em Cuba com o apoio do Camões, I.P.

São 20 fotografias «plenas de luz», que propõem um percurso visual pelo património arquitetónico, as artes, a literatura, as ciências e a paisagem, num viagem de norte a sul de Portugal, que ambiciona ser «uma narrativa aberta sobre um país transbordante de mar e mundo, de história e cultura, de memória e de futuro.»

A exposição tem como ponto de partida o arquivo da fotógrafa, através da seleção de negativos e diapositivos e de fotografias digitais realizadas



entre 1991 e 2014. «Sem geografia determinada, a não ser aquela que matiza de azul cada lugar e cada momento, que presente a harmonia estética das formas e dos objetos, trata-se de uma narrativa aberta sobre um país transbordante de mar e mundo, de história e cultura, de memória e de futuro», lê-se no texto de apresentação da exposição, que deverá vir a ser mostrada no futuro noutros pontos da rede do Camões, I.P.

«Mais do que ilustrar ou citar os lugares, pessoas e pormenores

que as imagens fixam, são os tons e os timbres da sugestão, da intuição e da sutileza que unificam a exposição», acrescenta-se na apresentação. «Da caligrafia de Agustina [Bessa-Luís] ao promontório de Sagres, da Biblioteca de Mafra ao estuário do Tejo, Luísa Ferreira detém-se na captação da matéria sensível da luz branca e das sombras projetadas, nas notas azuis dos ambientes, dos detalhes e dos planos desassombrados».

«O impulso de fotografar é uma forma de estar, janela para o mundo que convoca e reinventa tudo o que toca com o olhar, ato onírico, impulso criativo – é deste modo que a fotógrafa se define, num convite à descoberta do património cultural e natural do seu país».

Segundo a leitora do Camões, I.P em Havana, Natividade Lemos, a fotógrafa portuguesa permaneceu 5 dias na capital cubana por alturas

da inauguração, a 2 de junho, participando de um programa de atividades paralelas, que pretendeu estabelecer pontes entre ambos os países, fomentar a interação entre a artista portuguesa e os dirigentes culturais e fotógrafos cubanos e favorecer o conhecimento mútuo das dinâmicas e realidades culturais de ambos lados.

Luísa Ferreira, que participou na montagem da exposição, foi recebida na Faculdade de Artes do Instituto Superior de Artes (ISA) pelo conhecido fotógrafo e responsável pela Cátedra de Fotografia Ossain Raggi e visitou a Escola de Fotografia Criativa de Havana, sendo recebida pelo seu diretor, Tomás Inda, com o qual participou de um tour fotográfico experimental pela cidade de Havana. Visitou ainda a Fototeca Nacional de Cuba, conversando sobre esse espaço cultural e o seu próprio trabalho com o diretor da instituição, Nelson Ramírez de Arellano Conde. Nos intervalos, a fotógrafa percorreu as ruas e os bairros da capital cubana, deambulando pelos espaços e deixando, segundo Natividade Lemos, «que a fascinante voz da cidade a chamasse para o impulso do click fotográfico».

Editoras alemãs e britânicas em Portugal

Editoras da Alemanha e do Reino Unido estiveram este mês de junho na Feira do Livro de Lisboa, trazidas por iniciativa das embaixadas de Portugal, com o objetivo de promover a tradução de obras de autores portugueses naqueles países.

Da Alemanha, acompanhadas pela adida cultural Ana Patrícia Severino, vieram as editoras Droemer, Luchterhand e Suhrkamp. No âmbito do plano de ação cultural da Embaixada de Portugal em Berlim, estas editoras foram convidadas a deslocarem-se a Portugal na sequência da presença portuguesa na Feira do livro de Leipzig, em abril passado.

O programa da visita, que foi desenvolvido em colaboração com a APEL (Associação Portuguesa de Editores e Livradores), compreendeu um encontro no Camões, I.P. com a presença de representantes da DGLAB (Direção-geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas) e reuniões entre cada uma das editoras alemãs e homólogas portuguesas, nomeadamente.

A editora alemã Droemer, que pertence ao grupo editorial Droemer Knauer, com sede em Munique, e que foi fundada em Leipzig, em 1846, edita romances e livros especializados de autores alemães e internacionais, entre os



quais está o português João Tordo. A Luchterhand, que pertence ao grupo editorial Random House da Bertelsmann, a maior empresa deste setor na Alemanha e na Europa, foi fundada em 1924 como editora especializada em Direito e Impostos, mas a partir de 1954 dedica-se também à literatura e às ciências políticas e sociais, publicando o escritor português António Lobo Antunes. A Suhrkamp, que integra um vasto grupo editorial, foi fundada em 1950, assumindo o seu influente editor já falecido Siegfried Unseld que «não edita livros, mas sim autores», entre os quais se contaram nomes como Thomas Mann, Max Frisch, Gerhart Hauptmann e Bertolt Brecht, T. S. Eliot e Bernard Shaw. Publica o escritor português João Ricardo Pedro.

Sete editoras britânicas especializadas em literatura traduzida

vieram à Feira do Livro de Lisboa de 2016, que decorreu entre 26 de maio e 13 de junho, para se reunir e trabalhar com editores portugueses e entidades responsáveis pela promoção do livro. Um encontro de trabalho ocorreu de 7 a 9 de junho na Feira do Livro de Lisboa e na AICEP, parceiro nesta ação.

A visita inseriu-se no plano estratégico delineado pela secção cultural da Embaixada de Portugal em Londres, em conjunto com o Camões, I.P., com vista à promoção de autores portugueses contemporâneos junto do mercado editorial britânico e à sua eventual tradução, e foi financiada pelo prémio de Diplomacia Económica atribuído àquela Embaixada.

Segundo um artigo publicado pela BBC, o mercado anglo-saxónico é dos mais difíceis para a literatura de tradução que, estatisticamente, contabiliza entre 2 e 3%

da oferta das editoras britânicas, em oposição a outros países como França (27%) ou Espanha (28%). A mesma fonte afirma ainda que apenas as editoras independentes encaram com interesse literatura de tradução.

As sete editoras escolhidas candidataram-se a um concurso aberto. Foram selecionadas para a viagem de trabalho as que fundamentaram melhor o seu interesse pelos autores portugueses e a sua eventual inclusão num catálogo futuro, refere Regina Duarte, Coordenadora do Ensino do Português no Reino Unido.

A também adida para os assuntos educativos da Embaixada de Portugal destaca que «foram vários os editores a mencionarem, na sua candidatura, não estarem a par das obras contemporâneas portuguesas» e que conhecerem mais sobre Portugal, a sua história editorial e os próprios autores, iria certamente mudar a sua atitude para com a nossa literatura.

A acompanhar as editoras, esteve também uma jornalista da BBC, especializada em literatura e diretora da European Literature Network em Londres, Rosie Goldsmith, «interessada em conhecer e divulgar mais literatura portuguesa, com a qual já teve oportunidade de contactar em apresentações de livros na

Embaixada de Portugal».

Foram agendados encontros institucionais com o Camões, I.P., com a Direção Geral do Livro, do Arquivo e da Biblioteca, complementadas com reuniões com a Associação Portuguesa de Editores e Livradores e Sociedade Portuguesa de Autores, uma visita a um espaço comercial e encontros com organizadores de um festival literário.

Os promotores desta visita esperam que, depois, dela, «a literatura portuguesa traduzida para inglês comece a figurar com maior frequência nos escaparates das livrarias britânicas».

«Sempre com a vontade de dar a conhecer ao público britânico a excelência da nossa literatura», outras iniciativas têm sido desenvolvidas no Reino Unido. A residência do Embaixador acolheu já este ano a apresentação de vários livros, em diferentes modalidades: Rui Zink falou da sua produção autoral e de influência e Margaret Jull Costa falou dos poemas de Sophia de Mello Breyner, agora traduzidos para inglês no livro *The Perfect Hour*. O livro de Mariana Gray de Castro, *Fernando Pessoa's Shakespeare: The invention of Heteronyms*, também foi apresentado pela autora em Londres. Ana Luísa Amaral apresenta, a 27 de junho, o seu livro de poemas bilingue, *The Art of Being a Tiger*.

«Para estas sessões literárias, são sempre convidadas editoras, tradutores e jornalistas da especialidade, de forma a divulgar as obras de forma mais alargada», adianta Regina Duarte.

Camões, I.P. Seguidores no Facebook duplicam num ano



❗ O número de seguidores da página do Facebook do Camões, I.P. praticamente duplicou no último ano, passando de cerca de 34.307 para 65.100, entre 1/6/2015 e 1/6/2016.

Para além deste novo patamar no número de seguidores da página, o gráfico disponibilizado pelo Facebook para o mesmo período revela uma subida contínua e cada vez mais rápida do número de utilizadores que seguem a página, criada em 2011.

Os números disponibilizados indicam ainda que o 'alcance total da atividade' da página – também entre 1/6/2015 e 1/6/2016 – mais do que duplicou relativamente ao período anterior (ver gráfico), passando de cerca de 13 mil pessoas/dia para cerca de 30 mil/dia.

Por 'alcance total da atividade', o Facebook entende o número de pessoas a quem foi apresentada qualquer atividade da página, incluindo publicações, publicações de outras pessoas na página, anúncios de 'gostos de página' e visitas.

«O aumento do número de seguidores da página do Camões, I.P. no Facebook deve-se à crescente adaptação ao público dos conteúdos publicados na página e também à sua diversificação, por exemplo através da partilha de poemas, efemérides do dia, breves biografias de aniversariantes de relevo, para além das habituais publicações sobre as atividades desenvolvidas pelo Camões, I.P. no âmbito da Cooperação, Língua e Cultura. Deste modo, a riqueza da língua portuguesa e a sua importância no mundo são ainda mais evidenciadas», explica Vera Vieira da Silva, responsável pela seleção e publicação dos conteúdos.

Noite da Literatura Europeia na 4ª edição em Lisboa



❗ Mais de três milhares e meio de pessoas participaram a 4 de junho na 4ª edição da Noite da Literatura Europeia em Lisboa, uma iniciativa do núcleo da rede dos institutos nacionais de cultura dos países da União Europeia (EUNIC) – de que o Camões I.P.

faz parte – que por estes dias, nas principais capitais europeias, organiza um serão literário para dar a conhecer de viva voz a produção literária contemporânea europeia.

Em Lisboa, dez obras foram lidas em voz alta, e em pequenas doses, em espaços públicos. Na zona do Carmo e da Trindade, 13 atores portugueses leram excertos de obras de prosa e poesia, como *O leque arrepiado*, da escritora austríaca Ann Cotten, *Quando D. Quixote morreu*, do espanhol Andrés Trapiello, e *Morro como país*, do dramaturgo grego Dimitris Dimitriadis. A eles juntaram-se ainda *As pequenas coisas*, o primeiro romance de Bruno Vieira Amaral, Prémio Fernando Namora 2013 e Prémio José Saramago 2015.

A Igreja do Santíssimo Sacramento, acolheu a leitura do livro *Sophia, a morte e eu*, do escritor alemão Thees Uhlmann, enquanto O Purista – Barbière, outrora Livraria Barateira, ouviu excertos de *A Estação da Sombra*, de Lénora Miano, camaronesa radicada em França.

As leituras da seleção de poemas em checo de Jakub Rýchák estiveram a cargo do próprio autor e de Tiago Patrício, que colaborou na tradução. Também Filippo Tuena, leu em italiano, na Academia de Amadores de Música, excertos do seu livro sobre os últimos anos de Schumann, com a tradução dita por Pedro Lima. A atriz Mónica Calle dividiu o átrio do Teatro da Trindade com o poeta romeno Nicolae Prelipceanu.

Entre as obras escolhidas houve ainda uma vocacionada para os mais novos: *O cometa na terra dos Mumins*, da finlandesa Tove Jansson, que morreu em 2001, obra lida na sala de extrações da Lotaria da Santa Casa da Misericórdia.

Entre os espaços convocados para esta noite literária estiveram ainda a Sala do Brazão, do Museu de São Roque, o Teatro da Trindade e o Vertigo Café.

Nesta 4ª edição foi repetido um passatempo em que o público era convidado a receber um carimbo num "passaporte" – após ter assistido às leituras de cada país convocado –, o qual dava acesso a um sorteio de livros.

Desenhos de Álvaro Siza e Maria Antónia Siza expostos em Zagreb

❗ Os desenhos de conteúdo religioso que Álvaro Siza Vieira produziu para o santuário mariano de Fátima, construído em 2007, e os de sua mulher Maria Antónia Siza, falecida em 1973, aos 32 anos, marcados por uma «sensibilidade» e um estilo «semelhantes», mas com uma temática completamente diferente, vão estar patentes durante este verão numa exposição que tem como palco a Oris House of Architecture, em Zagreb, depois de inaugurados a 10 de junho, numa iniciativa que teve o apoio da Embaixada de Portugal na capital da Croácia e do Camões, I.P.

Segundo o arquiteto Andrija Rusan, que teve um papel fundamental na concretização da exposição, esta «é o resultado de uma colaboração duradoura e intensiva» e da «amizade

entre Álvaro Siza e a Oris», uma editora de arquitetura croata que publica uma revista e possui um centro de artes, com a qual o Prémio Pritzker de arquitetura de 1992 se relacionou em muitas ocasiões.

A Oris, adianta o arquiteto croata, publicou duas entrevistas com Álvaro Siza Vieira, vários artigos acerca dos seus projetos e organizou três exposições dos seus desenhos, e a Rusan Arhitektura, um gabinete de parcerias da Oris, mediou um dos projetos mais recentes do arquiteto português, uma capela que será construída em breve na Croácia para um investidor local.

O momento pareceu assim «apropriado para mais uma vez prestar homenagem ao génio artístico de Siza sob a forma de uma exposição dedicada a uma parte muito específica da sua



Neighbourhood: where Álvaro meets Aldo – Bienal de Arquitetura de Veneza 2016

❗ Até 27 de novembro, *Neighbourhood: where Álvaro meets Aldo* é o projeto que representa oficialmente Portugal na 15ª Bienal Internacional de Arquitetura – 'La Biennale di Venezia', com curadoria dos arquitetos Nuno Grande e Roberto Cremascoli e com organização da Direção-Geral das Artes e apoio do Camões, I.P.

A exposição incide sobre o projeto de habitação social que o arquiteto Álvaro Siza Vieira, Prémio Pritzker de Arquitetura de 1992 e professor catedrático da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, fez para a ilha da Giudecca, em Veneza, na década de 1980, e que vai ser finalizado após vários anos de paragem.

O projeto «foca a representação portuguesa no trabalho notável de Álvaro Siza no campo da habitação social, percorrendo as suas intervenções em diferentes distritos do Porto, Berlim, Haia e Veneza – a própria cidade da Bienal e expando a sua experiência social, como parte da sua relação com o contexto europeu da

cidade, que o arquiteto adquiriu, entre outras, através dos seus contactos com a cultura arquitetónica italiana, e em particular com o legado conceptual de Aldo Rossi», que convidou Siza a participar na Bienal de Veneza de 1976. Segundo Nuno Grande, em declaração ao jornal Público, esse encontro «teve grande importância, tanto para a obra futura de Siza como para a relação que a partir desse momento se estabeleceu entre a arquitetura italiana e a portuguesa».

De acordo com o jornal Diário de Notícias, Siza Vieira enalteceu a beleza de Veneza, «dizendo que quando desenha esta cidade italiana até a sua mão treme».

O programa de abertura da representação oficial portuguesa incluiu um almoço com os residentes do Campo di Marte e a mesa redonda 'Progettare nella città storica: la Giudecca come laboratorio urbano', com a participação de várias personalidades das instituições e da cultura.

Os portugueses Francisco e Manuel

obra», afirma Andrija Rusan.

A exposição, adianta, vai incluir 42 desenhos de Álvaro Siza e 50 desenhos de Maria Antónia Siza. A série de desenhos do arquiteto português resulta do mural dedicado à vida dos apóstolos Pedro e Paulo na nova Igreja (Basilica desde 2012) da Santíssima Trindade, em Fátima, construída de acordo com o projeto do arquiteto grego Alexandros Tombazis. «Os seus desenhos são de conteúdo religioso, simples, bastante expressivos e fortes na sua natureza», sintetiza o arquiteto croata.

Já o trabalho de Maria Antónia Siza, «embora tenha uma forte semelhança estilística, é totalmente diferente quanto ao conteúdo».

Foi durante uma das suas estadias no Porto que Andrija Rusan viu os desenhos de Maria Antónia Siza pendurados nas paredes do ateliê de Álvaro Siza, segundo conta. Os desenhos despertaram a sua curiosidade e no mesmo momento em que os viu nasceu nele a ideia de os apresentar na Croácia, quando as circunstâncias o permitissem.

«Nos seus trabalhos, Maria Antónia Siza entrou na esfera da imaginação, do grotesco, às vezes até mesmo nas margens do decoro», considera. «É como se os seus personagens pertencessem a essas margens, apresentando grande potencial interpretativo», um potencial que se pretende que os visitantes «descubram por si próprios».

«O trabalho de Maria Antónia Siza não tem sido corretamente reconhecido» e Andrija Rusan «sentiu que obras de uma tal expressividade e criatividade mereciam «pelo menos, um pouco de justiça [pública]». Em seu entender, «estando em igualdade lado a lado com as obras de Álvaro Siza, estas obras revelam uma sensibilidade semelhante, apesar do facto de não ocuparem os mesmos campos temáticos».

Aires Mateus, Inês Lobo, João Luís Carrilho da Graça, o ateliê 'menos é mais' (Francisco Vieira de Campos e Cristina Guedes) Paulo David, Souto Moura, Summary (Samuel Gonçalves) estão também entre os participantes da 15ª Bienal Internacional de Arquitetura de Veneza.

Sob o título *Reporting From the Front*, a edição deste ano da Bienal, com a curadoria do arquiteto chileno Alejandro Aravena e a participação de 48 países em vários espaços de Veneza, foca-se nas preocupações sociais e nas transformações urbanas ocorridas no mundo inteiro.



Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa

TEL. 351+213 109 100

FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlencarte@camoes.mne.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho

COORDENADORA Presidente Santos

COLABORADOR Carlos Lobato